

*\*Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça, pianista e professora aposentada pela Escola de Música da UFG, foi diretora do antigo Conservatório de Música por 17 anos e é membro da Academia Goiana de Letras)*

«Toda meta a ser alcançada, para que obtenha êxito, requer idealismo, vontade firme e destemor dos percalços que, porventura, sejam encontrados pelo caminho. O olhar, mantendo-se fixo no ponto que se deseja atingir, mesmo que não impeça totalmente, diminui sobremaneira o tamanho e importância dos obstáculos encontrados.»

**Belkiss Spenzieri**

## ORQUESTRA SINFÔNICA FEMININA

**Belkiss Spenzieri Carneiro de Mendonça\***

Toda meta a ser alcançada, para que obtenha êxito, requer idealismo, vontade firme e destemor dos percalços que, porventura, sejam encontrados pelo caminho. O olhar, mantendo-se fixo no ponto que se deseja atingir, mesmo que não impeça totalmente, diminui sobremaneira o tamanho e importância dos obstáculos encontrados.

Seguindo esse modo de pensar - muitas vezes expresso por minha avó, Nanhá do Couto - os professores Maria Lucy da Veiga Teixeira, Maria Luiza Póvoa da Cruz, Dalva Maria Pires Machado Bragança, Jean François Douliez e eu (grupo acrescido um ano mais tarde por Maria das Dores Ferreira de Aquino) decidimos criar, em 1956, um Conservatório de Música, a ele dedicando não só a força de trabalho mas a de nossas mais altas aspirações. Nenhum esforço era considerado demasiadamente grande, qualquer entrave impossível de ser vencido para dotar Goiás de uma escola que proporcionasse aos alunos os conhecimentos musicais do melhor nível.

Ensinando, promovendo recitais, incentivando os jovens executantes, procurávamos criar, na cidade que se formava, um clima favorável ao advento da música em suas várias formas. Dentre as metas programadas, contavam-se, ainda, a intenção de despertar novos valores artísticos e a atração de elementos que viessem formar platéias conscientes. A organização de uma orquestra, pelo interesse a ser despertado em suas apresentações públicas, era vista como uma forma direta de penetração e conquista de público, considerada, portanto, importante veículo na consecução dos objetivos.

Criá-la, porém, era tarefa impossível. O estudo da música (sem ainda conceito de profissionalização) era tido mais como um complemento da educação feminina. Forte preconceito dele afastava os rapazes. Assim sendo, nosso corpo discente era quase todo constituído de moças da sociedade, que, sem o espírito de diletantismo, estudavam com afinco o piano - instrumento considerado, por tradição, o de maior relevo social. Poucas eram as que se dedicavam ao violino e mesmo ao canto.

Assim sendo, a idéia deveria morrer no nascedouro. Tal não era, porém, a intenção reinante. Se não possuíamos alunos homens, a orquestra teria que ser formada com nossas moças. Esbarramos, no entanto, com sério problema: uma orquestra procede da união de músicos de diferentes naves e só possuíamos pianistas, algumas já com premiações nacionais. Tornou-se necessário, então, incentivá-las ao estudo de mais um instrumento, alguns por elas nunca vistos executados por mulheres. Da realização pretendida, servindo como exemplo, cada uma de nós iniciou, em compasso acelerado, a aprendizagem de outro instrumento. À professora Maria Lucy coube o estudo da clarineta; às professoras Maria Luiza e Maria das Dores, o violino, à professora Dalva, o oboé, optando eu pelo violoncelo.

A ele abraçada, cumpria horas seguidas de estudo, criando bolhas d'água na ponta dos dedos, pela pressão muito que se tinha de imprimir às cordas de grosso calibre. A calosidade forma-se paulatinamente, sem traumatismo ou dores. Nós, porém, não dispú-

nhamos de tempo para essa preparação progressiva. Precisávamos mostrar resultados rápidos e positivos, disso dependendo o sucesso do projeto idealizado. O esforço de todas nós venceu, finalmente, a indecisão e dúvida existentes.

Para São Paulo seguiram os professores Jean Douliez e Dalva Bragança, para a aquisição dos instrumentos necessários, conscientes de que os compromissos de pagamento dos mesmos deveriam ser mensais e a longo prazo. E todo o Conservatório começou a vibrar com a alegria das jovens, quando conseguíamos emitir sons mais justos ou - suprema ventura! - executar uma escala com todos os seus intervalos corretos.

O professor Jean Douliez, também regente do conjunto, harmonizou, em arranjo muito fácil, "O Mercado Persa", de Ketelbey, primeira peça a ser estudada, escolhida por seus efeitos descritivos. E, finalmente, chegou o dia designado para o ensaio, em grupo, das partes que estavam sendo laboriosamente estudadas individualmente.

Iniciada a execução, a cacofonia era geral. Com exceção da professora de violino, Elsi Silva, comandando suas poucas mas experientes alunas, e da violista Silva Nascimento que, com gosto, prestava colaboração, ninguém mais conseguia emitir ou manter determinado som razoavelmente afinado, tendo a seu lado outro instrumento emitindo sons de altura diferentes. Só aos poucos foram adquirindo independência, resplandecendo de felicidade os semblantes de professoras e alunas quando a sonoridade do conjunto se tomou agradável. Cada ensaio era uma fonte de prazer e descontração, risos ecoando quando uma clarineta inexperiente "apitava", substituindo o som que se esperava ouvir.

A notícia da existência de uma orquestra feminina em Goiânia, única na América do Sul, foi divulgada rapidamente e convites começaram a surgir, um deles muito honroso: estava sendo programada, em Belo Horizonte, grande homenagem ao Presidente Juscelino Kubitschek e a orquestra era solicitada a participar do evento. Preocupado com a perigosa viagem de ônibus, em más estradas, estando sob nossa responsabilidade tantas jovens, meu marido, Simão Carneiro de Mendonça, fechou o con-

sultório e, adiando os compromissos hospitalares, acompanhou-nos à capital mineira, o mesmo fazendo Dr. Waler Campos e sua esposa Léa.

A revista "O Cruzeiro", então a de maior circulação no país e com uma edição internacional em espanhol, enviou a Goiânia pessoas destinadas à elaboração de uma reportagem sobre a orquestra. Belas e várias páginas ilustradas com fotos coloridas foram-nos dedicadas. Na edição nacional de 11 de junho de 1960 a notícia foi intitulada "52 saias e Boa Música", sendo que "La mujeres pura música" encabeçava o texto da edição internacional, publicado no dia 1º de julho do mesmo ano. "Impecable presentación y mágica interpretación" foram palavras de Melchor Auñon, salientando não só a beleza das jovens como a qualidade de sua execução. E o texto em português, de José Franco, inicia-se frisando "que só o maestro não usa saia, regendo de casaca, camisa engomada, no mais puro rigor."

Grande número de pessoas foi atraído pelo bonito desfile das instrumentistas, quando se dirigiam aos jardins do Palácio do Governo, liberado para as fotografias e a filmagem da Sinfônica Feminina. Um público caloroso lá se formou, a ele juntando-se a figura simpática e incentivadora do então Governador José Feliciano Ferreira que, interrompendo os despachos burocráticos, assistiu ao concerto, aplaudindo com entusiasmo "o belo espetáculo para os olhos e para os ouvidos."

Como seria bom se pudéssemos dizer, como nos contos de fadas, que "a orquestra viveu para sempre, coroada de êxitos!" Tal não se deu, porém... seu sucesso provocou muitos convites para apresentações em diferentes pontos do Estado e mesmo fora dele. E os noivos e namorados começaram a não ver com bons olhos o aumento dos horários de ensaios para a ampliação do repertório e as possíveis viagens. Não dispúnhamos de músicos suplentes. A formação de novos elementos era demorada e, com o afastamento de muitos deles a orquestra viu-se desfalcada, extinguindo-se sua linda imagem de som e beleza plástica. A Universidade Federal de Goiás, entretanto, já se delineava e nosso entusiasmo não arrefeceu, sendo transferido para sua fundação.



## UFG cria um projeto de comunicação

**RÁDIO E IMPRENSA UNIVERSITÁRIA SÃO DESTAQUES NA NOVA UNIVERSIDADE**

Com o acelerado desenvolvimento da UFG, seus dirigentes perceberam a necessidade de se criar um projeto de comunicação para a instituição. Assim, seria possível divulgar o que estava sendo desenvolvido pelos acadêmicos e oferecer à população oportunidades para que esta expressasse seus anseios em relação ao estudo superior no Estado. Para promover essa integração, o projeto de comunicação criado na UFG, pela resolução nº 14, em 1962, envolvia veículos como rádio, televisão e impresso.

O principal objetivo desse projeto de comunicação, segundo o então reitor da UFG, Colemar Natal e Silva, era promover a educação do povo, pela disponibilização de informações sobre diversos assuntos, tanto questões sociais, políticas como de higiene e outros interesses públicos. Outra justificativa era de que, ao instalar seus próprios meios de comunicação, a universidade estaria economizando dinheiro.

“A Universidade Federal de Goiás tem onerado, sobremaneira, os seus recursos financeiros com divulgações através das emissoras particulares, a fim de efetivar o seu plano cultural e educacional”, argumentava o Reitor. De acordo com o projeto inicial, a rádio e a televisão universitárias gerariam seus próprios recursos financeiros, por meio de anúncios publicitários. Estes, seriam revertidos em verba para a manutenção dos veículos e para os demais fundos sociais da instituição.

### Rádio Universitária

Instalada em 14 de dezembro de 1966, em caráter experimental, a Rádio Universitária (RU) causou grande alvoroço no meio cultural goiano. Com frequência de 1400 Khz e potência de apenas 1 kw, ela passou a funcionar em pé de igualdade com as rádios convencionais da época, chegando até mesmo a transmitir de forma exclusiva para Goiás a final do III Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela Rede Record, em 21 de outubro de 1967. A importância da RU foi tão significativa para o Estado que a Assembleia Legislativa a considerou, em novembro de 1968, como um “Órgão Propulsor da Educação e Cultura em Goiás.”

Funcionando das 6h às 24h, a RU tinha em sua programação música, informação, textos culturais de 15 em 15 minutos e, eventualmente, quadros especiais com biografias de celebridades. Somente em julho de 1967 foram apresentadas 160 biografias, transmitidas em intervalos de uma hora. A Rádio Universitária também oferecia à população, como oferece até hoje, quatro horas diárias de música clássica, nos períodos da tarde e noite.

Os boletins noticiários eram transmitidos de meia em meia hora, além das três edições do jornal diário de 20 minutos, que era veiculado sempre às 7h, às 13h e às 18h. Havia também o

“Grande Jornal”, de 60 minutos, apresentado às 22h. Um programa que despertou bastante atenção da juventude goiana foi “O Jovem é o Dono da Tarde”, que chegou a ter mais de 100 sócios inscritos. Das 13h30min até às 16h, os jovens se informavam sobre assuntos atuais e ainda participavam de testes ao vivo sobre questões de cultura geral. Os vencedores recebiam vários prêmios.

A Rádio Universitária funciona atualmente com potência de 20 kw, na frequência 870 Khz. Não somente em termos técnicos houve mudanças, também a programação passou por uma grande evolução. Segundo o diretor-artístico da instituição, Roberto Pereira Nunes, a RU é a única emissora do Estado que valoriza verdadeiramente a produção cultural. Como exemplo, Roberto Nunes cita o programa diário de música erudita *Sala de Concertos* (12h às 14h) e as únicas produções em rádio direcionadas ao público infantil: *Fábulas Radiofônicas* (segunda-feira, às 21h, e terça-feira, às 8h), produzido pelo grupo artístico *Mutambeiros*, e *Parque de Diversões* (domingo, às 10h), produzido por alunos estagiários da Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia da UFG (FACOMB).

### TV Educativa

Em 1972, UFG lançou um projeto que visava a criação de um canal educativo para Goiás. Naquele momento, a tele-educação estava em franca discussão no País e a UFG conseguiu até mesmo concessão do canal 11, para veicular sua programação. A concessão foi determinada pelo governo federal, no decreto nº 63.070, de 5 de agosto de 1968. O professor Juarez Costa Barbosa, aposentado pelo Departamento de História da UFG, conta que, na época em que foi diretor do Departamento de Assuntos Acadêmicos da universidade (DAA), chegou a viajar para Recife e Maranhão, onde já havia experiências

nesse sentido, para aprimorar o projeto da TV Educativa. Segundo Juarez Costa, quando se iniciaram as discussões para a formação deste canal, a UFG chegou a apresentar um programa, em espaço concedido pela TV Anhanguera, como preparação para a futura TV Educativa. O nome do programa era "Universidade em Sua Casa", um telecurso que tratava de informática e era ministrado por alguns professores que estavam mais inteirados sobre a questão das novas tecnologia - nessa época, o único computador que a universidade tinha era enorme e ocupava o prédio da Escola de Engenharia, com memória de apenas oito bits (unidade de medida), quando, hoje, um computador de 32 bits já é considerado ultrapassado. Como a concessão obtida pela UFG era de apenas dois anos, a instituição não conseguiu obter a infra-estrutura técnica e material mínimas para a execução da programação, perdendo, assim, seus direitos sob o canal 11.

### Imprensa Universitária

A intenção de Colemar Natal e Silva, ao apresentar ao Conselho Universitário um projeto de Imprensa Universitária, era criar um forte elo de ligação entre a universidade e o povo goiano. A imprensa seria o espaço onde as pessoas teriam direito à voz para que fizessem suas reivindicações e sugerissem novas experiências para a universidade. Mas, muito mais que criar este elo, a Reitoria também queria um modelo de imprensa que inovasse em sua filosofia de trabalho.

Após a instalação da Imprensa Universitária, foi possível para a UFG a publica-

ção de seu boletim oficial, com informações dos atos da Reitoria, dos departamentos e das unidades integrantes da universidade. Esse boletim passou a ser a forma mais aberta de divulgação das atividades da UFG e proporcionava à população os instrumentos para que ela pudesse fiscalizar a produção acadêmica e administrativa da instituição.

A Imprensa Universitária foi responsável pela produção de materiais para as diversas faculdades, Reitoria, repartições federais e para outras entidades que solicitavam serviços na área de impressos, incluindo ofícios e envelopes. No reitorado do professor Geraldo Jerônimo Queiroz, em 1968, ela se transformou em Editora, sendo transferida para um prédio maior, no Setor Universitário, para onde foram levadas novas máquinas tipográficas.

Em 1977, a Imprensa Universitária passou a se chamar Editora UFG. Desde então, o Centro Editorial Gráfico da UFG (Cegraf) vem se tornando referência em publicações culturais e científicas no Estado. O primeiro livro publicado foi *Almanach da Província de Goyaz*, em 1978. Devido à elevada média de publicações - 20 títulos por ano - a Editora UFG tem conquistado destaque também em nível nacional, o que pode ser comprovado pelo convênio que mantém com livrarias de diversos Estados, incluindo Paraná, Distrito Federal, Pernambuco e Rio de Janeiro.

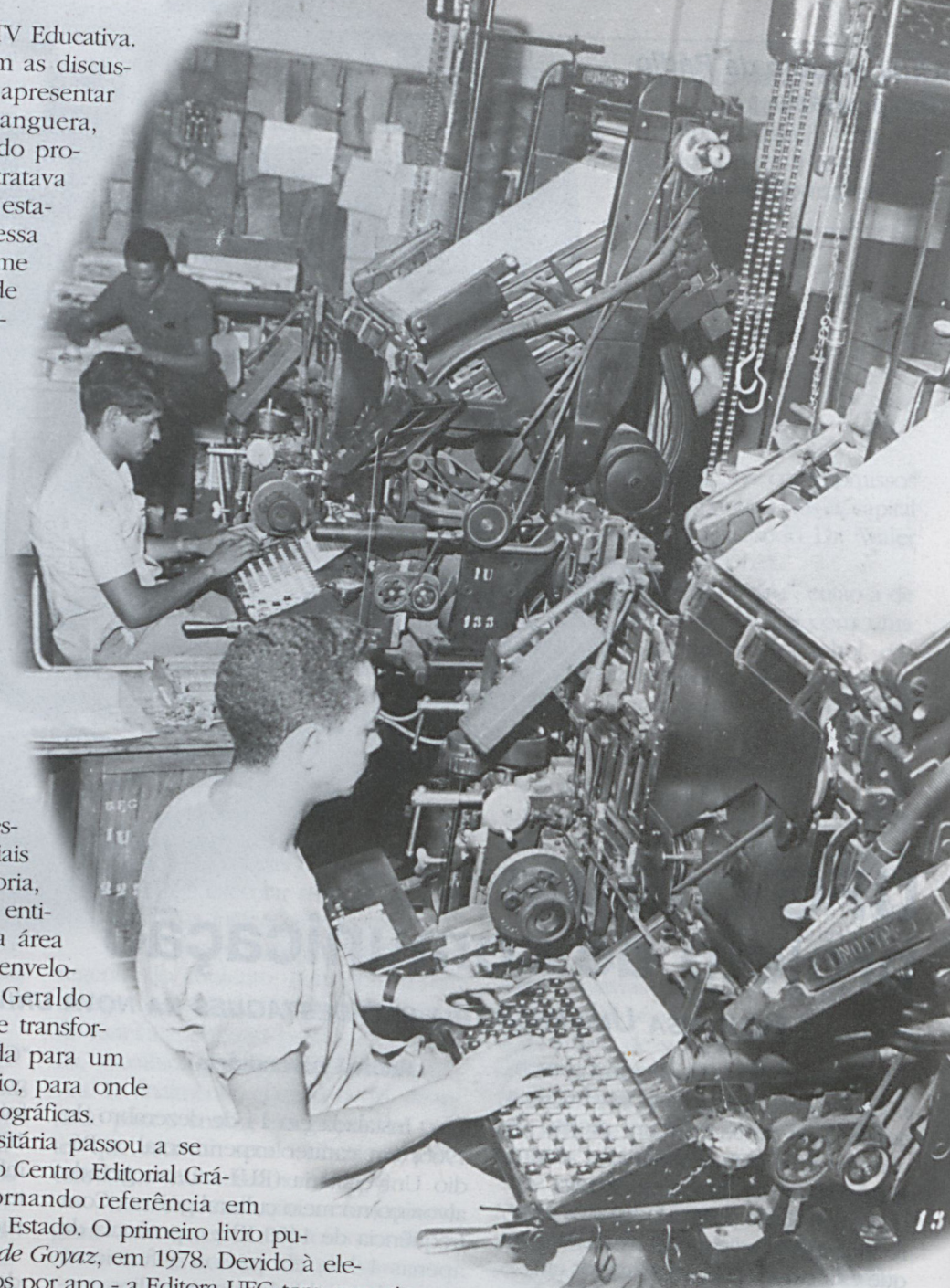
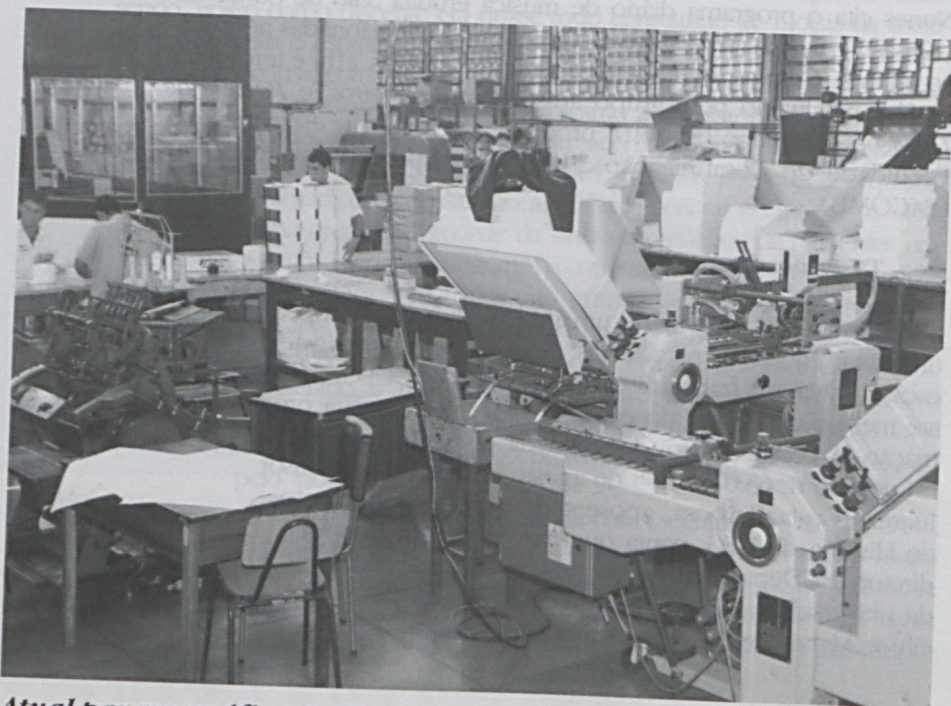


Foto à direita, parque gráfico da Imprensa Universitária, nos primeiros anos da UFG



Atual parque gráfico do CEGRAF

### Jornal "O 4º Poder"

Uma das maiores expressões do impacto cultural que causou a criação da Universidade Federal de Goiás foi a publicação do jornal "O 4º Poder", idealizado pelo professor Colemar Natal e Silva. Em pouco mais de um ano de sua criação, a UFG lançou um jornal diário, vendido em bancas de revistas juntamente com os principais jornais da época, como "O Popular" e a "Folha de Goyáz". Sempre tratando de questões polêmicas e chegando até mesmo a abordar as eleições para escolha do sistema político brasileiro, o jornal era reconhecido principalmente pelo seu forte cunho cultural.

"O jornal 'O 4º Poder' era considerado pelo meio intelectual da época como o melhor jornal do Estado", afirma o professor Juarez Costa Barbosa, aposentado pelo Departamento de História da UFG. Segundo o professor, "O

4º Poder" chamava a atenção pela análise crítica que fazia da realidade goiana e também pela diversidade dos assuntos abordados, que envolviam desde política até atividades desportivas.

De acordo com a professora de História Lena Castelo Branco, também aposentada pela UFG, "como se tratava de uma publicação da universidade, o '4º Poder' podia se dar ao luxo de analisar os fatos com uma certa isenção, uma vez que não dependia do apoio de governantes do Estado para funcionar". Mas, apesar do grande fascínio que esse jornal causou à sociedade goiana, ele não conseguiu sobreviver a um forte inimigo: a censura imposta pela ditadura militar. Acusado de subversão, o jornal "O 4º Poder" foi fechado em 18 de maio de 1964, com apenas 74 edições.